

Ex-músicos de Erasmo celebram o Tremendão

PÁGINA 4



Renovado, X-Mem segue em alta nos quadrinhos

PÁGINA 13



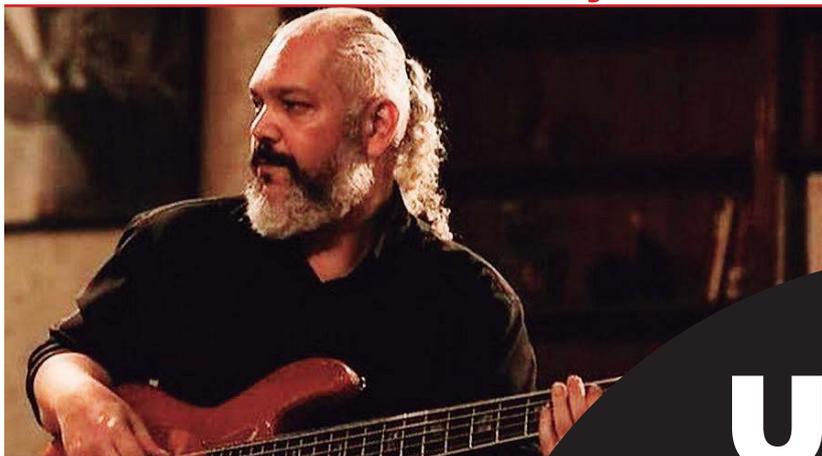
Um roteiro pra lá de suculento para o Dia do Hambúrguer

PÁGINA 16



2° CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



MARCELO MARIANO



GEORGE ISRAEL

Um Rio embalado no ritmo do jazz e do blues

I Prio Blues & Jazz Festival invade o Jockey Club com shows gratuitos ao longo de toda a semana

A CIDADE ESTÁ CONTAGIADA pelo ritmo do jazz e do blues com a sequência do I PRIO Blues & Jazz Festival no Jockey Club Brasileiro, na Gávea. Com entrada gratuita, o evento reúne shows, exposições, performances, oficinas de música e mixologia.

O Teatro I PRIO será transformado em uma tradicional casa de jazz norte-americana, com direito a performances de um dançarino de jazz e de um saxofonista itinerante. A artista paulista Fe Motta, conhecida por pintar retratos de jazzistas famosos na frente da plateia, irá expor 28 telas prontas e pintará outras três, ao vivo, nas três primeiras noites do festival. Nos dias 30 de maio, 4, 5, 6 e 9 de junho, o lounge do teatro ganha um espaço para mini-oficinas de jazz, conduzidas pelo multi-instrumentista britânico Tom Ashe com participação de seus alunos do Favela Brass, projeto patrocinado pela PRIO. No

palco, os shows ficam por conta de atrações instrumentais e de artistas da MPB, celebrando a influência do Blues e do Jazz na música brasileira, da bossa nova ao rock.

Com uma apresentação concebida especialmente para o público do festival, a banda instrumental André Vasconcellos Jazz & Blues Trio, formada por Eduardo Farias (piano), Cassius Theperson (bateria) e André Vasconcellos (baixo acústico), traz releituras modernas e descontraídas de clássicos do jazz e do blues. No repertório, temas como

“Cantaloupe Island” (Bernie Hancock), “Song For My Father” (Horace Silver) e “Caravan” (Duke Ellington), além das interpretações de canções de Ray Charles, Jimi Hendrix e Stevie Wonder. “A estética do jazz e os caminhos do blues, tanto como movimento artístico e especialmente musical, trazem a liberdade e a criatividade como expressões principais. As músicas serão interpretadas de forma criativa e contemporânea, marca fundamental do Trio”, comenta André Vasconcellos, que abre o palco nos quatro primeiros dias de festival.

A mescla de gêneros também faz parte do estilo de Marcelo Mariano, que faz o segundo show da noite de sexta. O baixista, compositor e arranjador apresentará diversas vertentes e facetas de seus 40 anos de carreira, reunindo pop, jazz, soul, funk e música brasileira. A apresentação terá a participação especial de Torcuato Mariano. Também nas comemorações de quatro décadas de sucesso, o saxofonista, cantor e compositor George Israel vai transitar entre o rock e o blues no segundo show do dia 1º de junho.

A segunda apresentação do dia 2 de junho fica por conta de Ithamara Koorax, uma das vozes femininas de destaque do jazz brasileiro, eleita 12 vezes como uma das melhores cantoras do mundo pela DownBeat e outras publicações. A cantora passeia pelo estilo, com pitadas de blues e da MPB.

Continua na página seguinte

Uma semana de diversidade sonora

Já o saxofonista Glaucus Linx abre o festival nos dias 3, 4 e 5 de junho, acompanhado pela banda instrumental Blues Shooters. Formado por Marcus Kenyatta (guitarra), Ygor Hellborn (bateria) e Pedro Leão (contrabaixo), o show traz um enfoque do blues pouquíssimo conhecido e divulgado no Brasil. “Tenho certeza de que a noite será seguramente plena de swing e alegria”, afirma Glaucus, que já participou dos festivais de jazz de Montreux, Cascais, Skopje (Macedônia), Jazz à Nantes, Nice e Free Jazz.

Fernando Rosa, convidado recentemente para tocar ao vivo na banda de Lenny Kravitz, desenvolveu um estilo próprio diferenciado, que mostra no segundo show do dia 3 de junho. Dedicando-se à música instrumental autoral, o contrabaixista atingiu uma combinação perfeita entre a música brasileira, o soul, o hip hop, o experimental, o fusion e o jazz.

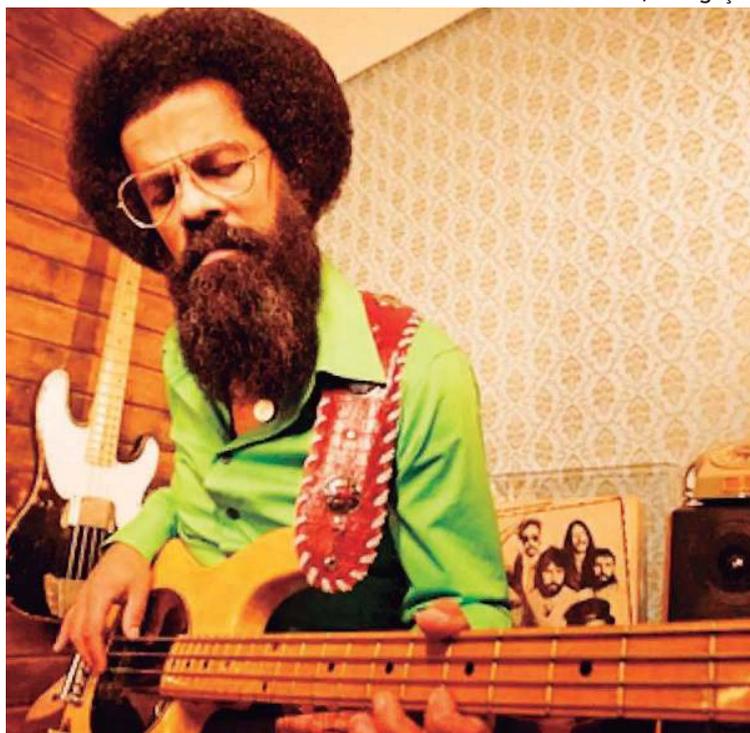
Outro artista que criou um show especial para o festival é Evandro Mesquita, que se apresenta com The Fabulous Tab, banda de amigos que resgata canções dos anos 70 que inspiraram gerações de músicos em todo o mundo. “Nossos arranjos para essas músicas me remetem a Squareme, quando ouvíamos BB King, Freddie King envolta da fogueira. Blues de alma! Além de Jimmy Hendrix, Bob Dylan, Rolling Stones, Led Zeppelin, Bob Marley. É puro prazer lembrar essas músicas com amigos queridos - e músicos excepcionais”, avisa o cantor, que faz o segundo show do dia 4 de junho.

Claudio Zoli celebra quatro décadas de estrada com um show inspirado nos mestres da



Divulgação

Glaucus Linx



Marcos Hermes/Divulgação

Fernando Rosa

soul music brasileira - Tim Maia e Cassiano - e em referências internacionais. “Cresci ouvindo Marvin Gaye, Stevie Wonder e Tim Maia, com quem aprendi muito assistindo aos seus ensaios no Seroma”, conta o guitarrista, que fecha a noite de 5 de junho.

Considerado pela mídia internacional como a versão brasileira do guitarrista Joe Pass, Nelson Faria se apresentou em festivais de jazz de

mais de 30 países. O artista abre as noites entre 6 e 9 de junho.

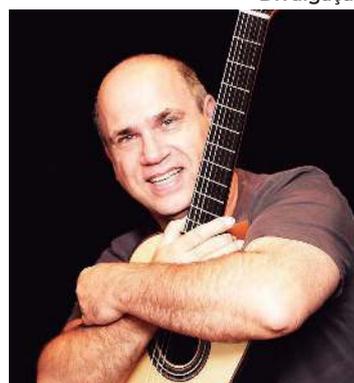
O cantor, compositor, arranjador, produtor e multi-instrumentista Rodrigo Sha é a segunda atração do dia 6 de junho e promete uma viagem de estilos a bordo de seu saxofone, envolvendo bossa nova e música eletrônica.

A banda instrumental Azymuth, que tem como mote “o clássico do jazz para as novas gera-



Renan Oliveira/Divulgação

Suricato



Divulgação

Nelson Faria



Karyme França

Moska

ções”, destaca-se pela fusão criativa de elementos do samba, da bossa nova, do soul e do jazz fusion. Fundada na década de 1970, a banda passou a ser um estilo incorporado nas setlists de diversos DJs, levando o som do Azymuth para uma plateia de jovens amantes do som fusion de raiz brasileira, sem excluir os fãs de longa data. A banda é a segunda atração do dia 7 de junho.

Comemorando 30 anos de



Evandro Mesquita

LINE UP

31/5: André Vasconcellos Jazz & Blues Trio + Marcelo Mariano

1/6: André Vasconcellos Jazz & Blues Trio + George Israel

2/6: André Vasconcellos Jazz & Blues Trio + Ithamara Koorax

3/6: Glaucus Linx + Fernando Rosa

4/6: Glaucus Linx + Evandro Mesquita

5/6: Glaucus Linx + Claudio Zoli

6/6: Nelson Faria + Rodrigo Sha

7/6: Nelson Faria + Azymuth

8/6: Nelson Faria + Paulinho Moska

9/6: Nelson Faria + Rodrigo Suricato

SERVIÇO

I Prio Blues & Jazz Festival

Teatro I Prio - Jockey Club Brasileiro (Av. Bartolomeu Mitre, 1110 - Lagoa) | Até 9/6
Primeiro show: 19h
Segundo show: 20h15

carreira, o cantor e compositor Paulinho Moska vai representar o rock nacional, gênero fortemente influenciado pelo blues. “A coisa de que mais gosto nessa vida é estar em cima do palco, tocando e cantando. É o momento em que tudo transcende e a música me coloca em estado de êxtase, numa viagem sensorial. E quando recebo uma energia fundamental: o olhar do público”, conta Moska, que fecha a noite do dia 8. O encerramento fica por conta do cantor, compositor e guitarrista, Rodrigo Suricato, segunda atração do dia 9.

Anelis Assumpção traz ao Rio tributo inédito ao mais importante disco de Peter Tosh

Neste sábado (1º), Anelis Assumpção mostra pela primeira vez em terras cariocas, sob a lona do Circo Voador, o show “Legalize It”, que homenageia o clássico álbum de Peter Tosh (1944-1987). E abrindo os trabalhos, a Zé Bigode Orquestra faz um tributo a Bob Marley & The Wailers.

Realizado pela primeira vez em São Paulo, em 2015, dentro do projeto do Sesc “75 Rotações” que, naquele ano, convocou artistas contemporâneos pra revisitarem álbuns clássicos que estavam completando 40 anos. Coube a Anelis celebrar a obra atemporal de Peter Tosh.

“Legalize It”, “No Sympathy”, “Watcha Gonna Do”... o disco inteiro é antológico, sendo considerado a síntese musical de Peter Tosh. “Interpretar ‘Legalize It’, álbum clássico de Peter Tosh e da maior relevância da história fonográfica mundial, é uma encomenda, um deleite, uma missão”, co-

Legalizar é preciso!

Lucas Murched/Divulgação



Anelis Assumpção e banda apresentam show inédito no Rio

menta a cantora, filha do lendário Itamar Assumpção (1949-2003).

Além das músicas de “Legalize It”, Anelis, acompanhada de uma super banda formada por Marcele Equivocada (vocaís), Negravat (vocaís), Regiane Cordeiro (vocaís), Lelena Anhaia (guitarra e vocais), Saulo Duarte (guitarra e vocais), MAU (baixo), Bruno Buarque (bateria), Klaus Sena (teclado) e Edy Trombone (trombone e percussão), entrega um repertório em que canta as lendas do reggae mundial.

E a Zé Bigode Orquestra aterrissa no Circo com o show em que canta Bob Marley & The Wailers, no qual busca trazer um pouco das várias facetas da música do rei. É como montar um repertório desses dá um nó na cabeça, o grupo optou por explorar tanto faixas mais “lado B”, quanto sucessos mundialmente conhecidos.

SERVIÇO

LEGALIZE IT - ANELIS ASSUMPÇÃO CANTA PETER TOSH (abertura Zé Bigode Orquestra - Tributo a Bob Marley) | Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 1/6, com abertura dos portões às 20h

Ingressos entre R\$ 70 (meia) e R\$ 160

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Djavan em Copa

Djavan, Rael, Iza e Preta Gil com Tiago Pantaleão são as atrações deste segundo e último fim de semana do Tim Music Rio com shows gratuitos na Praia de Copacabana. Preta Gil & Tiago Pantaleão abrem a programação neste sábado (1º), a partir das 16h, com Iza fechando a noite. No domingo (2), é a vez de Rael abrir os trabalhos. Djavan fecha o evento cujo line-up aposta na escalação de artistas consagrados e novos nomes da MPB.

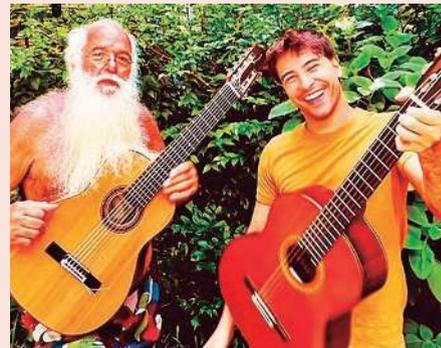
Divulgação



Canções clássicas

O cantor Augusto Martins, que soube mixar o suingue das rodas de samba com o classicismo das aulas de canto, une-se a Paulo Malaguti Pauleira, vocalista do MPB4, arranjador e pianista. Com rara elegância e desenvoltura, eles passeiam por clássicos de Tom Jobim e da dupla João Bosco e Aldir Blanc como “Samba do Avião”, “Caça à Raposa”, “Resposta ao Tempo”, “Luiza”, “Insensatez” e “O Bêbado e a Equilibrista”.

Divulgação



Arismar & Matu

Um dos maiores multi-instrumentistas do país, Arismar do Espírito Santo, faz show nesta sexta (31) na Casa Tao Brasil, na Lapa, na companhia do jovem cantor e compositor Matu Miranda, uma das estrelas do último programa The Voice Brasil. O primeiro encontro de Matu com Arismar aconteceu no Festival de Choro e Jazz de Jericoacoara. Ali nasceu a afinidade, que gerou um convite pra Matu participar do disco “Flor de Sal”.

Divulgação



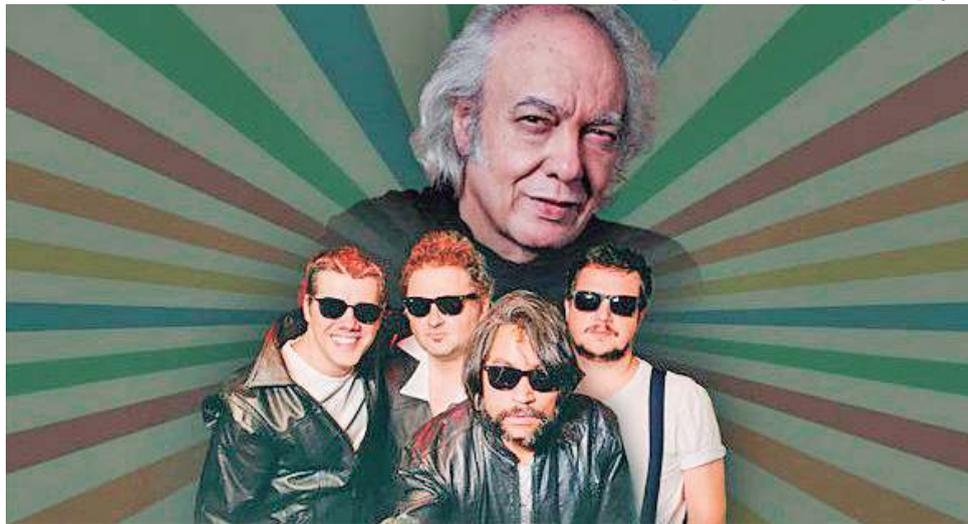
Piano a 10 mãos

O Blue Note Rio recebe neste sábado (1), às 20h, o show “PianOrquestra Colectiva” transforma a maneira de fazer música ao piano. Quatro pianistas, uma percussionista e um único piano preparado e compartilhado pelos músicos. No repertório, arranjos inventivos para canções de Caetano Veloso, Milton Nascimento, Hermeto Pascoal até Queen e Beatles. Um piano, dez mãos e um show inovador repleto de criatividade.

Músicos da última banda de Erasmo Carlos prestam tributo ao mestre

Uma saudade tremendona

Fotomontagem Thaís Monteiro/Divulgação



Luiz Lopez, Mário Vitor, Pedro Herzog e Rick Frainer, músicos da última banda de Erasmo Carlos

Erasmo Carlos deixou saudade em todo o Brasil, em especial para quatro músicos que tiveram o privilégio de tocar e cantar com ele em sua última banda: Luiz Lopes (voz e guitarra), Mario Vitor (voz e guitarra), Pedro Herzog (voz e baixo) e Rike Frainer (voz e bateria). Os quatro se uniram para homenagear o Tremendão com o show “Erasmendo – Um tributo ao Gigante Gentil Erasmo Carlos”.

O espetáculo estreou com enorme sucesso, no Teatro Rival lotado, em 2023 e fará uma única e exclusiva apresentação no Blue Note Rio, nesta sexta-feira (31), às 22h30, com participação mais que especial do guitar hero Rick Ferreira, guitarrista responsável por incontáveis e inconfundíveis solos da MPB, inclusive alguns hits do Erasmo, que estarão no setlist.

No repertório: releituras de grandes clássicos da trajetória de Erasmo como compositor, algumas canções que contam um pouco de sua história e algumas pérolas do rock nacional, histórias de bastidores e também algumas surpresas, que surpreendem e

emocionam o público.

O show foi idealizado pelo quarteto de músicos e dirigido pelo músico Luiz Lopez, guitarrista do Tremendão por 13 anos. A iniciativa surgiu do desejo de fazer “uma justa homenagem ao grande amigo e mestre”, é assim que ele e

os colegas se referem a Erasmo. Todos tiveram o privilégio de tocar e acompanhar o cantor em shows e turnês, especialmente Luiz Lopez e Rike Frainer, baterista oficial da banda por mais de 10 anos.

“Para os fãs e para todos que o amavam ficou um vazio enor-

me, para mim é difícil imaginar o mundo sem o Erasmo, parece que foi ontem, ele me dizendo que a estrada era gigante e longa, que era para eu seguir em frente... na hora não sabia bem o que ele queria dizer, mas acho que ele queria, que eu seguisse pela estrada que ele abriu e o caminho que já estávamos seguindo juntos e que eu já sabia qual era”, conta Lopez. “Este show é para ele, queremos curtir como se fosse uma festa dele, cantar e dançar suas músicas e deixar a emoção nos levar, porque era isso que ele era, música e emoção juntos, tudo que ele fazia transpirava amor, realmente ele amava estar no palco e nós também amávamos estar no palco com ele, então, é só isso que temos que fazer, subir no palco e nos divertir!”.

SERVIÇO

ERASMENDO – UM TRIBUTAO GIGANTE GENTIL ERASMO CARLOS

Blue Note Rio (Av. Avenida Atlântica, 1910, Copacabana) 31/5, às 22h30
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

CRÍTICA / DISCO / FANTASIA BRASIL

Dois instrumentistas tão jovens quanto virtuosos

Por Aquiles Rique Reis*

Um prazerão apresentar a vocês os “meninos” do Duo Rafael Beck e Felipe Montanaro, que lançaram o álbum “Fantasia Brasil” (Biscoito Fino). Nascidos em São Paulo, o multi-instrumentista Rafael tem 22 anos e mora em Atibaia, já o igualmente multi-instrumentista Felipe tem 18 anos e mora em Bragança Paulista, cidades do interior paulista. As sete faixas do CD têm arranjos deles. A elas!

“Pedro Brasil” (Djavan): o piano de Felipe vem na intro, para logo passar a vez à flauta transversal de Rafael. Ambos têm no tocar o prazer de quem busca caminhos surpreendentes que agradem a eles e aos ouvintes. Assim é! A flauta trina, o piano improvisa, parecem se divertir à larga, como se brincassem com coisa séria. Que nada!

“Estrada do Sol” (Tom Jobim

e Dolores Duran) e “Chovendo na Roseira” (Tom Jobim): o piano inicia e traz a flauta que se encarrega de tocar a melodia da primeira música da junção dos dois clássicos. Os trinados, que ao longo do álbum se revelam marca registrada do flautista, pontuam o andamento delicado. Entretanto, a pegada ensandece e acelera, outra marca que caracteriza os arranjos do duo, cuja entrega às músicas é plena. A essa altura, antecipando o final, a flauta segue junto com o piano, ambos discretos, mas eficientes.

“Receita de Samba” (Jacob do Bandolim): o piano introduz e logo traz a melodia ao proscênio. O suingue é contagiante. A mão



Divulgação

direta do pianista se põe a dedilhar as notas para, poucos compassos à frente, agora somada à flauta, brilharem formidavelmente.

“Tema pro Ricardo” (Rafael Beck e Felipe Montanaro): o único tema autoral dos moços instrumentistas presente no álbum

é balanceado às pampas. Craques, Felipe toca acordeom, enquanto Rafael toca piano, dialogando em perfeita sintonia como se fossem irmão consanguíneos abençoados pela música.

“Frevo Novo” (<https://youtu.be/JCBrwYoaQxo?si=Oc8pA1aU0fmqgoVV>), de Hermeto Pascoal: vixe, que o couro come! Rafael arrasa com flauta, flautim e piano; já Felipe se esbaldava no piano e no acordeom. O andamento vai a mil. O piano entrega para a flauta, que entrega pro flautim, que devolve ao acordeom que, por sua vez, resfolega na pisada do frevo. Natural – de tirar o fôlego!

“Pedras que Cantam” (Domin-

guinhos e Fausto Nilo) e “Isso Aqui Tá bom Demais” (Dominguinhos e Nando Cordel): piano e flauta iniciam. Frases encadeadas alternam andamentos e os improvisos vêm a cada música. A flauta assume o protagonismo, resfolega, entrega a vez ao piano e os dois dão o seu melhor. Compassos à frente, ora ad libitum, ora afretado, o piano se destaca. Logo o couro voltar a comer e, ralentando, finaliza.

“Galop’s Dance” (<https://www.youtube.com/watch?v=G-DzI76yxhPo>), de Ivan Lins, com participação especial de Ivan, em vocalises com a flauta e o piano, é a cereja do bolo do belo álbum dos meninos. Vale a pena conhecê-los!

Ficha técnica

Produção: Newton d’Ávila; gravação e mixagem: Ricardo Câmara.

*Vocalista do MPB4 e escritor



CENTRO
CULTURAL
SESC
QUITANDINHA

dos brasis

arte e pensamento negro

Uma das mais expressivas exposições de arte afro-brasileira já realizada no país chega ao Rio de Janeiro.

São obras de 241 artistas negros do fim do século XVIII até o século XXI de todos os estados do Brasil. Esperamos por você.

Até 27/10/2024

De terça a domingo, das 10h às 17h.
Centro Cultural Sesc Quitandinha (CCSQ),
Petrópolis - RJ

Entrada gratuita

Confira a programação completa:
ccsq.org.br



Ícone dos anos 1980 e 90 protagoniza a comédia mais esperada do momento nos cinemas, enquanto abre sua agenda de shows lotada para uma passagem pelo Teatro Miguel Falabella

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Muitas das histórias que farão o Teatro Miguel Falabella gargalhar neste sábado e no domingo, no show de Sérgio Neiva Cavalcante, vão fazer a alegria do cinema nacional a partir do dia 13, quando estreia a comédia mais esperada desta temporada, encarada por muitos como o filme brasileiro com mais fôlego para fazer frente à concorrência estrangeira: “Mallandro – O Errado Que Deu Certo”.

Os bordões que o comediante traz desde os anos 1980 (“Rá!”, “Glu-glu”, “Ié-ié”), quando virou um analgésico vivo contra o mau humor nacional, em programas de auditório no SBT e na Globo, agora vão para a telona – a partir do dia 13 de junho - de uma forma diferente de tudo o que já filmou. O longa-metragem produzido por Gláucia Camargos, com direção de Marco Antônio de Carvalho, gravita da risada mais salobra à afetividade mais adocicada sem jamais perder os trilhos. Num ano que abriu com suas portas com bilheterias robustas para a nossa produção audiovisual (vide “Minha Imã e Eu”, “Mamonas Assassinas”, “Nosso Lar 2: Os Mensageiros” e “Os Faro-

Mallandro é a maior diversão

Divulgação



Sérgio Mallandro engata a marcha em direção ao sucesso em sua volta aos cinemas

feiros 2”), essa habilidade é ouro e quem a confirma são as pré-estreias pelas quais Sérgio já passou com seu boné de pirocóptero.

Mallandro tem viajado pelo Brasil para sessões prévias do filme, sempre bem-recebido por onde passa. Antes de uma sessão em Brasília, no dia 22, ele assinou e deixou as marcas de suas mãos eternizadas na Rua das Estrelas, a calçada da fama do shopping Pier 21, no Distrito Federal. O público de Belo Horizonte também lotou salas e fez fila para pegar autógrafos e fazer vídeos com o humorista. Projeções em Curitiba e Salvador também bombaram.

“Está sendo o maior barato! Estou super feliz com a reação do público. As pessoas me surpreendem, morrendo de rir em cenas de que não imaginei serem tão engraçadas, e riem mais ainda nas piadas clássicas. Fico muito contente ao ver que as pessoas se divertem e também se emocionam com o filme. Eu e o diretor Marco Antonio nos emocio-

“Estou super feliz com a reação do público. As pessoas me surpreendem, morrendo de rir em cenas de que não imaginei serem tão engraçadas. Fico muito contente ao ver que as pessoas se divertem e se emocionam com o filme.

Sergio Mallandro

namos muito vendo esse carinho do público”, comenta Mallandro, que vai falar de seu passado cheio de trapalhadas no show do Norte Shopping, cravando mais um bordão indefectível: “Que fase!”.

No terreno cinematográfico, anos atrás, ele formou um currículo milionário, a se destacar os 4,1 milhões de ingressos vendidos por “Lua de Cristal” (1990), no qual fazia para com Xuxa. Mas a pegada agora, com “Mallandro – O Errado Que Deu Certo”, é nova. Não é um revival de “Oradukape-ta”. Filmado no Rio de Janeiro em 2022, o longa oferece ao astro a chance de emplacar um blockbuster no qual ele e todo o país possam rir com seus perrengues, com suas vitórias, com suas vivências, em altos e muitos baixos. Há um toque autobiográfico, livremente fabular (e muito engraçado) no roteiro escrito por Sylvio Gonçalves, Ulisses Mattos e Pedro Antonio, a partir das histórias que Sérgio passou em seis décadas de vida.

Nos anos 2010, ele contabilizou milhares de pagantes nos teatros, com seu stand-up, que sempre encontra um palco para lotar, vide o do Norte Shopping, onde estará amanhã.

Números similares a esses (quicá maiores) podem se reproduzir agora no filme de Marco Antônio, que narra a luta de Mallandro para sair do ostracismo. Tem alusão à “Porta dos Desesperados” de seu infantil e às “Pegadinhas do Mallandro”. Tem participação de Zico e da Xuxa. E tem, sobretudo, um ídolo brasileiro abrindo seu coração.

Eu comecei no cinema com o Antônio Calmon, quando o André Di Biase me levou pro ‘Menino do Rio’, convencendo o diretor de que eu fazia palhaçadas engraçadas”, disse Mallandro ao Correio da Manhã nos sets. “De lá eu fui pro ‘Garota Dourada’, filmei ‘O Trapalhão na Arca de Noé’ com Renato Aragão e fui o príncipe da Xuxa. É uma história sobre a importância de as pessoas não deixarem de sonhar, de acreditar. Eu já caí, pude me levantar e, agora, estou vendo o que é cinema de outra forma. Nesse filme, eu tenho uma filha de 17 anos e um filho de 15 anos. É como se fossem os meus filhos em crescimento. Esse filme do Marco Antônio de Carvalho tem uma pegada é bem família, e acho que as pessoas vão se identificar por essa dimensão de como é ser pai. Eu, como artista, acabei por me ausentar muito dos meus filhos por conta de viagens, de trabalho. Nunca tive um final de semana com meus filhos, só quando eu os levava comigo nos shows. É muito difícil para um artista acompanhar de perto o crescimento dos filhos. Em compensação, você procura proporcionar tudo a eles. O mallandro que eu sou sempre vai ter espaço no mundo”.

CRÍTICA / FILME / JARDIM DOS DESEJOS

A flor do tormento

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Há um momento sublime de catarse em “O Jardim dos Desejos”, no qual o protagonista, o jardineiro Narvel Roth (interpretado pelo australiano Joel Edgerton) passa por uma mata de beira de estrada e a vê florescer, vicejando flores reluzente em plena noite. É um raro ponto de onirismo num filme cravejado de espinhos morais.

É um rasgo da metafísica que o diretor Paul Schrader carrega de sua formação religiosa, já expressa antes na obra-prima “First Reformed - Fé Corrompida” (2017), que lhe valeu uma indicação ao Oscar. Seu interesse pelos ritos da fé cristã dá àquela trama muito bem defendida por Ethan Hawke e Amanda Seyfried um lugar de metáfora dos calvários de um mundo polarizado por diversos ódios.

Na pandemia, em 2021, ele vol-

tou ao circuito com “O Contador de Cartas”, explorando monstruosidades que o às do baralho vivido por Oscar Isaac tenta esconder em lances exuberantes com naipes. Ali, também será uma mulher (vivida por Tiffany Haddish) quem vai abrir a sua Caixa de Pandora de deixar seus demônios livres. A mesma operação se faz notar com a arrebatadora trama envolvendo Narvel e seu passado de sujeiras expressas na pele de seu peito e de suas costas sempre cobertas por tatuagens de guerra.

Figura impávida, mas eivada por inquietações existencialistas, Navel é um guerreiro nato com um histórico de mortes nas costas. A luta para manter domesticado o lobo do homem em sua alma imprime uma tensão crescente em torno de um filme delineado pela onipresente trilha musical de Devonté Haynes.

Implosivo, sempre se destroçando por dentro a fim de manter a ordem, Narvel é um sujeito calmo, que fuma um só cigarro ao dia, fala bai-



Divulgação

Narvel contempla a beleza da quinta na qual é jardineiro, sob a égide da direção de Paul Schrader

xo, tem senso de equipe (valorizando quem trabalha na terra com ele) e faz de tudo para agradar sua patroa, a Sra. Haverhill, aristocrata esnobe vivida por Sigourney Weaver.

No meio das rosas de Greenwood Gardens, quinta que a viúva Haverhill cultiva por apreço à Natureza, Narvel vai ser mais do que um cuidador de pétalas e corolas. Ele é seu guardião, o seu brinquedo sexual e arranjador. Sua tarefa (mais árdua) em “The Master Gardener” (o título original da produção) será assumir a guarda da problemática sobrinha-neta da patroa, a

jovem Maya (Quintessa Swindell), a quem vai transformar em aprendiz. Mas a chegada da jovem, com um histórico de arruaças e confusões e envolvimento com drogas, liberta espíritos maus que o artesão da jardinagem trancafiou nas suas lembranças. Sabemos pouca coisa do que ele fez, apenas em lampejos, fragmentos de recordações. Mas é o bastante para que o roteiro escrito pelo mestre da artesanaria dramaturgica que dirigiu “A Marca da Pantera” (1982) e “Gigolô Americano” (1980) nos convença das destrezas de Narvel e do quão perigoso ele é.

Sua figura é um indício histórico da marca autoral de Schrader, que já se faz notar em seu trabalho como roteirista “Taxi Driver”, Palma de Ouro de 1976: sua filmografia gravita entre os pecados e as culpas. Suas personagens têm a ciência exata de seus crimes e da atrocidade que podem provocar, mas estão atrás das clareiras da redenção. Suavizado pela fotografia serena de Alexander Dynan, o calvário de Narvel é carregar os grilhões de um tempo em que a intolerância era a sua identidade. Mas as flores que o cercam hoje são mais perfumadas.

CRÍTICA / FILME / A FILHA DO PALHAÇO

No picadeiro da maturidade

Integrante do coletivo que reoxigenou as artérias do cinema brasileiro em 2010, com “Estrada para Ythaca”, Pedro Diógenes tornou-se uma das vozes mais potentes do Ceará nas telas na atualidade, correndo o mundo com longas-metragens que casam (bem) emoção e pesquisa narrativa.

O universo que ele explora agora, no seu exercício autoral (sempre falando da solidão) é a seara dos artistas circenses, home-

nageados na trupe de personagens do belo “A Filha do Palhaço”.

É um exercício felliniano do cinema cearense menos preocupado com o lirismo e mais atento aos quebra-molas nas estradas (da vida) por onde os circos passam, que sejam os circos de um artista só.

Na trama, Joana (Lis Sutter), uma adolescente de 14 anos, aparece para passar uma semana com o pai, Renato (Demick Lopes),



Divulgação

Demick Lopes tem atuação devastadora

um humorista que apresenta seus shows em churrascarias, bares e casas noturnas de Fortaleza. Ele

ganha a vida a interpretar a personagem Silvanelly, uma mistura de cantora e clown, com Almo-

dóvar nas veias. Apesar de mal se conhecerem, pai e filha terão que conviver durante essa semana, quando vivem novas experiências e sentimentos. Esse tempo juntos vai transformar profundamente a vida dos dois. O público se transforma junto deles, sobretudo quando é embevecido pela afiada direção de arte de Thaís de Campos.

A fotografia de Victor de Melo jamais se assanha e entra em modo exibicionismo. Tudo é conduzido pela força dos diálogos e pelo olhar ferido de Renato, nas pálpebras cheias de vida de Demick, cuja atuação é devastadora. É um filme se maturidade, fiel ao filão dos reencontros paternos. (R.F.)

SHOW**KINGA GLYK**

*Com um estilo único e uma habilidade excepcional no baixo, a artista polonesa se apresenta em duas sessões. Dom (2), às 19 e 21h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana)

MELHOR DO QUE O SILÊNCIO

*A cantora Laura Lavieri e o compositor e violonista Cacá Machado se encontram para celebrar os 50 anos do chamado “Álbum Branco”, de João Gilberto. Sex (31), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana)

RAPHA'S JAZZ SESSIONS

*A cantora apresenta standards jazzísticos em apresentação única no London 1920 Pub (R. Mal. Floriano Peixoto, 121 - La 6 - Macaé). 31/5, às 20h. R\$ 20

FADO MULHER

*Conhecida como “A Carioca do Fado”, Ananda Botelho Mendes se apresenta no Centro da Musica Carioca Artur da Tavola (Rua Conde de Bonfim, 824 - Tijuca). 31/5, às 19. R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

TRIBUTO ELTON JOHN

*Cecelo Frony, pianista, guitarrista, compositor e arranjador, e trio fazem uma homenagem à obra de Elton John, com releituras que respeitam as harmonias e o legado do artista britânico. Sáb (1), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 – Copacabana)

TEATRO**PRIMA FACIE**

*Fenômeno mundial, o espetáculo chega ao Brasil com Débora Falabella em seu primeiro solo. Texto mostra os dilemas de uma advogada que tem como clientes acusados de abuso sexual. Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Até 30/6, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Entre R\$ 50 (meia) e R\$ 150

TARSILA, A BRASILEIRA

*Claudia Raia chega ao Rio com o aclamado musical sobre a artista plástica Tarsila do Amaral que marcou a volta de Claudia Raia aos palcos. São cinco sessões no Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo) entre sex (31) e domingo (2). Entre R\$ 25 (meia) e R\$ 320.



Tarsila, a Brasileira

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Tarsila, a Brasileira

NEVA

*A obra de Guillermo Calderón o mais renomado dramaturgo chileno da atualidade, fará curta temporada de apresentações na Fundação Progresso – Espaço Armazém (Rua dos Arcos, 24, Lapa). De 31/5 a 9/6. Sex e sáb (20h) e dom (19h). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

BELCHIOR, ANO PASSADO EU MORRI, MAS ESTE ANO EU NÃO MORRO

*Em turnê itinerante por todo o Brasil, o musical sobre a vida e obra do genial cantor e compositor cearense faz curta temporada entre sex (31) e 9 de junho no Teatro da UFF (Rua Miguel de Frias, 9 – Icaraí – Niterói). Sex e sábados (20h) e domingos (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

MEU CORPO ESTÁ AQUI

*Espetáculo parte das experiências

Edu Monteiro



Dança de Combate

Alexandre Araújo/Divulgação



Ananda Botelho Mendes

Reprodução

personais de quatro atrizes e atores PCDs (pessoas com deficiência) para abordar suas descobertas afetivas e sexuais e os obstáculos encontrados nesta jornada. Sex (31), às 20h, no Teatro Cesgranrio (Rua Santa Alexandrina, 1011 - Rio Comprido). Grátis

DOS NOSSOS PARA OS NOSSOS

*Espetáculo resgata e valoriza a identidade da cultura preta brasileira e sua ancestralidade. O trabalho nasceu a partir da esquete teatral de mesmo nome. Sáb (1) e dom (2), às 19h e 18h respectivamente, no Teatro Cesgranrio (Rua Santa Alexandrina, 1011 - Rio Comprido). Grátis

INFANTIL

SANCHO PANÇA, O FIEL ESCUDEIRO

*Protagonizado pelo potiguar Palhaço Piruá, espetáculo parte da dramaturgia do

Divulgação



Kinga Glyk

Divulgação



Ananda Botelho Mendes

argentino Walter Velázquez numa história de comicidade e sensibilidade. Até 7/7, sáb e dom (16h) no Teatro I do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). Infantil: R\$ 10, R\$ 5 (meia) e R\$ 2 (associado Sesc) | Adulto: R\$ 30, R\$ 15, R\$ 7,50 (assoc. Sesc) e grátis (PCG)

EXPOSIÇÃO

DOS BRASIS

*O Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, 2 - Petrópolis) recebe a exposição "Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro", dedicada à produção de artistas negros reunindo 314 obras. Ter a dom e feriados (10h às 17h). Até 27/10. Grátis

DANÇAS DE COMBATE

*O fotógrafo, pesquisador e professor Edu Monteiro apresenta três danças de combate africanas diaspóricas ainda praticadas

e ritmadas pelo canto e pelos toques de tambor: a Laamb (Senegal), a Capoeira (Brasil) e a Ladjá (Martinica). Até 2/6, de ter a dom (10h às 19h) na Galeria do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana)

SER MULHER

*A artista plástica Carla Carvalhosa traz pinturas e esculturas com material de reuso representando os diversos papéis desempenhados pelas mulheres. Até 15/6. Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

LIVRE EXPRESSÃO

*Nesta coletiva os artistas desafiam convenções, exploram técnicas inovadoras e moldam novas realidades através de sua imaginação sem limites em pinturas, esculturas e instalações. Até 2/6. Ava Galleria Rio (Rua Orestes, 28 - Santo Cristo). Grátis

EVENTO

FEIRA ALVOROÇO

*Versão queer da tradicional feira da Praça XV, com direito a KaraoQueer garantido a diversão. Lá o público encontrará objetos de arte, impressões, acessórios, utensílios, roupas e muito mais. Sáb (1), a partir das 11h, no QueeRIOca (Travessa do Comércio, 16)

SARAU PRETO

*Zezé Motta é a homenageada da 2ª edição do Sarau Preto. Além das apresentações musicais, o evento terá rodas de samba, jongo e conversas, oficinas de dança, tranças, percussão e uma feira de afroempreendedoras. Sáb (1) e dom (20), das 12h às 22h. Renascença Clube (R. Barão de São Francisco, 54 - Andaraí). R\$ 30 (feijoada inclusa), R\$ 10 (colaborativo).

WINE IN BÚZIOS

*A partir deste fim de semana a charmosa cidade recebe a 5ª edição do Wine in Búzios. Serão 4 dias dedicados a apresentar mais de 150 rótulos em um grande evento de vinhos ao ar livre, na Praça Santos Dumont, com entrada gratuita, opções gastronômicas e atrações musicais.

CINE & MANAS

*Mostra itinerante de curtas-metragens produzidos por mulheres sem espaço no circuito exibidor tradicional. Sex (31), às 18h, na Biblioteca Engenho do Mato (Rua São Sebastião, Praça do Engenho do Mato, Niterói). Grátis



Wine in Búzios

ENTREVISTA / EBER INÁCIO, ATOR E ENCENADOR

‘Minha pesquisa é o humor’

Duharte Fotografia/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

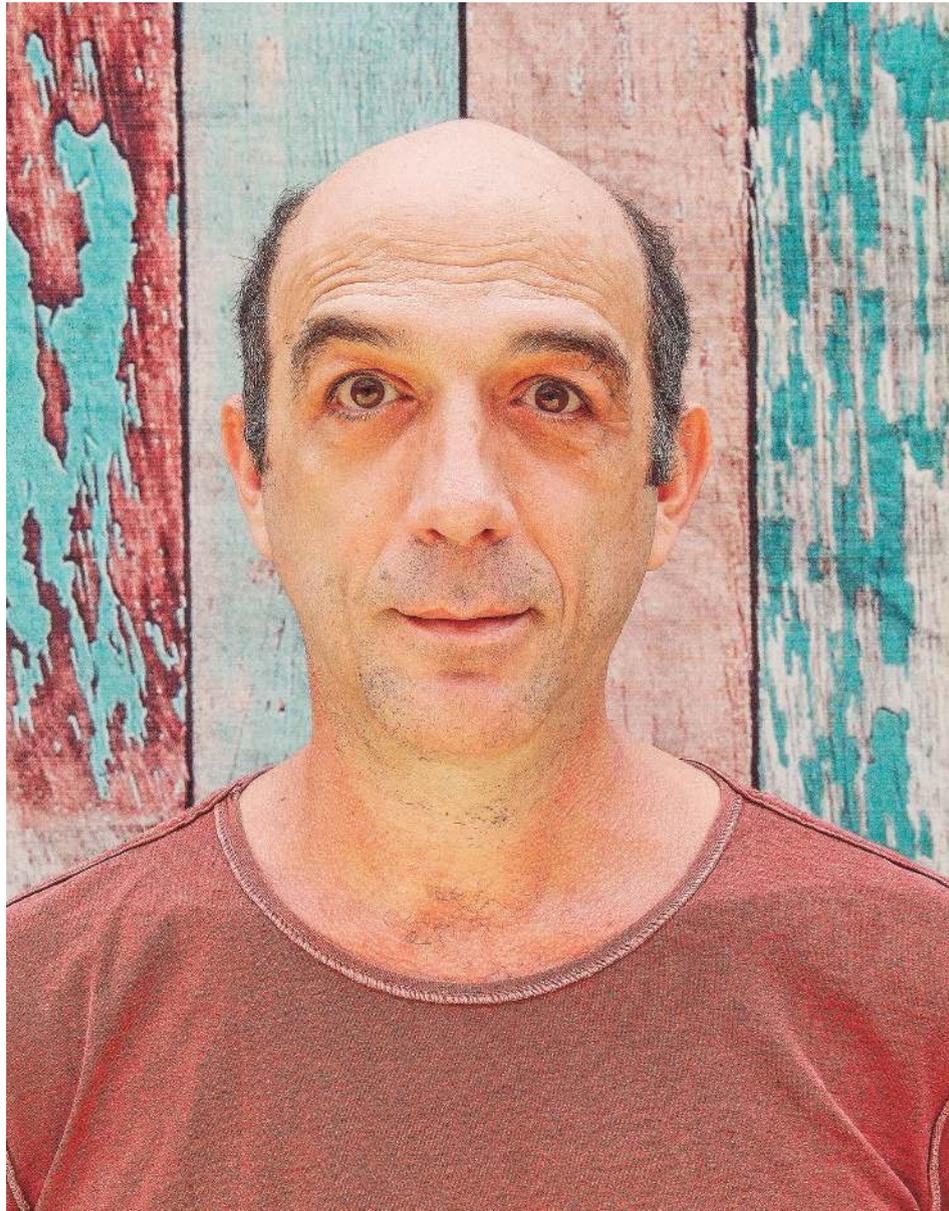
Num calendário brasileiro qualquer, o primeiro dia semana, o domingo, é uma data sagrada que, embora termina na melancolia da segunda-feira que se aproxima, oferece opções de lazer e ócio (criativo ou vagabundo mesmo) para muita gente. Há quem sue a camisa de segunda a sábado sonhando para este momento chegar. Mas para Ele, personagem de Eber Inácio na peça “Aconteceu Num Domingo”, o dia da “Santa Missa Em Seu Lar”, do “Domingão do Huck”, da pelada, do encontro com as amigas, da macarronada com frango assado é uma arapuca sentimental.

Durante 60 minutos no espetáculo em cartaz no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, Ele e Ela (papel da atriz Ana Paula Novellino) descobrem de si coisas que, na teoria, já deveriam saber faz tempo, mas ficaram invisíveis sob o véu do relacionamento longo e estagnado. Ela tem um apego desmedido pela casa onde vivem, o que a impede de sair do seu próprio lar. Ele vai dando seus tiltes também.

O texto, a encenação e a direção de arte desta joia em potencial são de Inácio. Diretor e ator, ele conversa aqui com o Correio da Manhã sobre o novo projeto de uma carreira que já conta com trinta e tantas peças, desde 1980.

Qual é o simbolismo de domingo que ficou em nossa cabeça e de que forma a sua peça amplia esse significado de um dia associado ao descanso?

Eber Inácio: O espetáculo “Aconteceu num Domingo” se passa num domingo (risos). E o domingo tem um símbolo, a simbologia do dia do descanso, do dia em que se vai colocar a casa em ordem ou fazer uma reunião familiar. E as coisas que a gente costuma dizer, tipo “nossa, está parecendo um domingo”, fazem referência aquele dia arrastado, aquele tempo esgarçado. É um dia de descan-



so para muitos trabalhadores brasileiros, para estudantes... É aquele dia em que você tem a oportunidade de dominar o seu tempo. É um dia que você pode – embora não todo mundo – ter a possibilidade de eleger o que fazer, escolher o seu tempo. A peça se passa num dia desses, de domingo.

Qual é o espaço que existe para as histórias de casal, de vida a dois, no teatro carioca? Qual é o maior desafio de se falar da

vida em casal hoje?

A história, na verdade, é um recorte do cotidiano num domingo na vida do casal. O que era para ser um domingo tranquilo é um domingo atrapalhado, cheio de quiproquós. A dramaturgia retrata muito a história de casais, que já é uma tradição da comédia, da comédia romântica. Só que a nossa intenção é, a partir dessa história, refletir outros tipos de relações, outras possibilidades de famílias. Eles são um casal, eles falam sobre relação a

dois até que, num momento, eles começam a refletir não em separação, mas nas possibilidades de outros relacionamentos ou pessoas que não precisam de companhia. Falando de casal, você fala de você. É uma tradição do teatro, do teatro carioca, do teatro nacional, essa reflexão. Mas na verdade é uma história de casal que aponta também outras questões, como a solidão, como a relação do indivíduo com o universo, como a rotina. A relação dessa história de casal com a cena carioca... bom, eu, como jurado do prêmio PRIO de humor, criado pelo Fábio Porchat, assisto às comédias e percebo essa tradição. Tem histórias de casais com tema da paternidade, da maternidade, ou comédias simplesmente leves. É uma tradição mesmo no teatro carioca. O desafio de retratar uma história de casal é não cair na banalidade, não cair no pueril. É a tampa do vaso levantada. E o “você é isso; você é aquilo”. É o “Ah, mas ela; Ah, mas ele”. Escapar dessas futilidades, dessas banalidades é um grande desafio.

De que maneira o apartamento vira uma prisão, um confinamento em sua peça?

A peça se passa dentro de um apartamento em que Ele (meu personagem) tem relação com o mundo externo. Ele trabalha, só que Ela a personagem da Ana Paula Novellino), por algum motivo, não consegue mais sair de casa. Ela vive no verdadeiro casulo, protegida. A peça também passa por esse tema. Uma doença mental, um medo de enfrentar a rua, as pessoas, e esse apartamento, para Ela, vira um casulo. Ele também, de certa forma, num domingo, quando está com Ela, também vive ali naquela clausura. Ele tenta animá-la, estimulá-la para sair, mas só que Ela tem o seu tempo. E a casa pode ser um lugar também de descobertas, de descanso, de proteção, mas a casa também pode ser um lugar de prisão. Você se sente tão protegido ao ser afetado por uma avalanche de notícias violentas, bombardeado por um medo coletivo que nos cerca. Há que se ficar atento com a saúde da casa.

Qual é o teatro (mais autoral) que você busca fazer em projetos pessoais?

Bom, o teatro que eu busco eu meus projetos pessoais, no momento, é uma pesquisa cômica. É colocar uma lente no cotidiano, nesse tempo cômico. É a comédia física, a comédia da palavra. Tem aquele humor da gargalhada, tem aquele humor da graça, do estado de graça, tem o humor da sutileza. No momento a minha pesquisa é essa, é o humor.

Divulgação

'Não deixei de ser ator de texto'



Claudio Amado: 'Sempre gostei quando as coisas davam errado numa peça e os atores tinham que improvisar'

Referência no teatro de improviso no Brasil, o ator Claudio Amado, fundador do Teatro do Nada, fala sobre sua relação com o gênero que está completando 20 anos nos palcos nacionais

Por Cláudia Chaves | Especial para o Correio da Manhã

Há muita gente que, quando vai ao teatro, tem um imenso pavor diante da possibilidade de ser chamado ao palco, de os atores fazerem brincadeiras. Apesar disso, neste 2024, completam 20 anos que o teatro de improviso (chamado de “Impro” ou “Improv”, o termo mundial para esse estilo teatral) chegou aos palcos cariocas. Dois espetáculos de improvisação inauguraram o gênero na capital: Z.É – Zenas Emprovizadas (que se apresentou até 2012) e o Teatro do Nada, espetáculo que batizou o nome da companhia dirigida por Claudio Amado.

Fiel a essa escola, Amado pode ser visto em cena em “Improvisa Comigo Esta Noite”, que encerra temporada neste fim de semana no centro Cultural da Justiça Federal e emenda com uma curta temporada no Teatro Glauce Rocha.

O ator, improvisador, professor de improvisação, narrador, escritor fala ao Correio da Manhã.

Como você aproveitou suas experiências fora do Brasil? O que foi mais relevante?

Claudio Amado: Cada festival internacional de improvisação que participei nestes 20 anos de carreira dedicados ao teatro de improvisação, serviu como uma pós-graduação em Impro para mim. Em cada um deles assisti espetáculos de diferentes estilos, improvisei com eles em cena e fiz workshops com todos que pude. Ao final de cada um deles, voltei com um conhecimento muito mais amplo e com novos amigos-improvisadores de

diversos países, como Peru, Chile, Colômbia, Estados Unidos, México, Portugal e Argentina.

Por que a escolha do Impro? Na infância você já fazia esse tipo de jogo?

Não foi bem uma escolha, na verdade eu já era ator profissional quando o Impro chegou em 2003 no Rio com a Gabriela Duvivier, atriz carioca que havia estudado com Keith Johnstone (1933-2023), diretor e dramaturgo inglês que foi um dos criadores do teatro de improvisação junto com Viola Spolin. Gabriela reuniu alguns atores e começou a treinar Impro. Esse grupo de treinos virou a Cia Teatro do Nada, que estreou em janeiro de 2004 na Casa da Matriz fazendo seu espetáculo de mesmo nome, “Teatro do Nada”, dirigido por ela. Me identifiquei com

o prazer de improvisar assim que conheci a técnica e depois tudo aconteceu naturalmente, evoluindo com o passar dos anos. Não deixei de ser ator de texto, mas realmente o Impro é o estilo que mais faço atualmente. Não fiz teatro quando criança, mas quando me tornei ator profissional sempre gostava quando as coisas davam errado em uma peça (esquecer algum objeto no camarim, a luz não funcionar na hora certa) e os atores tinham que improvisar uma solução. Nesses momentos de pensamento rápido e risco, para mim, era quando me sentia mais vivo e desperto do que nunca.

Quando o público se inibe, você faz o quê?

O formato do “Improvisa Comigo Esta Noite” é inédito e criado por mim. Nele, o público participa de toda a performance, não apenas sugerindo temas e títulos no início como acontece normalmente no teatro de improvisação. Com isso, eu incentivo a participação espontânea e valorizo aqueles que o fazem, mostrando ao público que ele pode e deve participar sem medo. Não faço “cena de plateia” e sim cenas com a plateia em conjunto, onde participa quem quiser. Se alguém quiser apenas assistir, sem problemas, não vai me atrapalhar. Eu procuro aproveitar tudo que eles me dão como inspiração para construir as cinco cenas da noite junto com eles, e assim eles se sentem valorizados e incentivados a participar. E tem sido impressionante o empenho e a euforia do público.

SERVIÇO

IMPROVISA COMIGO ESTA NOITE
Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 – Centro)
Até 1/6, sexta e sábado (19h)
Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179 - Centro)
De 7 a 9/6, sexta e sábado (19h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CCBB celebra 80 anos de vida do diretor mineiro Eid Ribeiro com nova encenação de 'Fim de Partida'

Ao completar 80 anos de vida, o icônico diretor mineiro Eid Ribeiro retorna a um dos mais conhecidos textos de Samuel Beckett "Fim de Partida", peça já levada aos palcos por ele em 1988, que na época mergulhou no mundo sombrio e angustiante como Beckett a concebeu.

A diferença agora é que Eid quis partir para a diversão, pelo olhar do palhaço. Ele resolveu rir do fim do mundo. Eid, que é um dos mais respeitados artistas do teatro brasileiro, inova ao revisar o espetáculo tendo desta vez dois palhaços da Trupe Garnizé como protagonistas: Francisco Dornellas e seu filho Victor, acompanhados de João Santos e Marina Viana, em participações especiais.

Escrito num contexto pós-catástrofes, após duas guerras mundiais, sobre os destroços e os entulhos do nazifascismo, Beckett desloca o olhar sobre este plano geral de destruição e envenenamento social e escreve, entre 1954 e 1956, essa peça sobre as relações tóxicas, servis e parentais, em que, no espaço fechado de um bunker, as duas personagens principais, Hamm e Clov, agem e dialogam num jogo de repetições próprio da comédia burlesca.

A nova encenação, porém, traz um Beckett com tons de comédia, sem deixar de ser profundamente humano. No palco, Francisco Dornellas vive Hamm e contorna suas dificuldades mo-



Na nova montagem de 'Fim de Partida', o diretor mineiro apresenta um Beckett em tons de comédia

Voltando a Beckett

toras e cognitivas, ocasionadas por dois AVCs recentes. Para superar os desafios, Chico conta com recursos tecnológicos e o auxílio do filho, Victor Dornellas, que vive o personagem Clov,

ambos dividem a cena desde a infância de Victor.

“Queremos mostrar que Samuel Beckett é um escritor e poeta visionário. À medida que o tempo passa, sua criação se tor-

na cada vez mais atual diante do mundo em que vivemos. E nada melhor que a sabedoria de um velho palhaço para narrar a sua história”, explica Eid Ribeiro.

O resultado pode ser visto como um espetáculo que navega rumo ao acaso e à improvisação, mas com pontual elaboração em determinados momentos.

“Enquanto o mundo caminha para a extinção, no premonitório planeta Beckettiano, onde os seres humanos não conseguem se comunicar apesar de falarem pelos cotovelos, o humor e o riso fazem parte dessa nossa tragédia”, reflete o diretor. Com esse novo “Fim de par-

tida”, Eid Ribeiro busca provocar uma simbiose entre o personagem da ficção beckettiana e a linguagem da palhaçaria, com duas narrativas que percorrerão caminhos paralelos, mas que se identificarão em determinados momentos, praticando um jogo de ironia e escárnio, rindo do trágico destino traçado para a humanidade.

A estreia do espetáculo em palcos cariocas no Rio de Janeiro será nesta quarta-feira (5) no Teatro III do CCBB, onde fica em cartaz até 30 de junho com apresentações de quarta a sábado às 19h e domingo às 17:30h.

SERVIÇO

FIM DE PARTIDA

Centro Cultural Banco do Brasil – Teatro III (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)

De 5 a 30/6, de quarta a sábado (19h) e domingo (17h30) | Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

“Enquanto o mundo caminha para a extinção, no premonitório planeta Beckettiano, onde os seres humanos não conseguem se comunicar apesar de falarem pelos cotovelos, o humor e o riso fazem parte dessa nossa tragédia

Eid Ribeiro

CRÍTICA / TEATRO / DIÁRIO DO FAROL – UMA PEÇA SOBRE A MALDADE

Apenas uma banalidade



Rafel Blasi/Divulgação

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Existem várias teorias sobre o mal. Religiosas, fatalistas, saúde mental. Ante o genocídio dos judeus, Hannah Arendt cunhou a banalidade do mal, baseada no

fato de que as pessoas são incapazes de julgar. João Ubaldo Ribeiro escreve uma obra poderosa. Uma metralhadora que acerta religião, família... É dela que Thelmo Fernandes faz o solo magistral “Diário do Farol – Uma Peça sobre a Maldade”.

Com idealização e inspiração de Domingos Oliveira, direção de Fernando Phil-

bert, o espetáculo nos guia a um personagem que mergulha, sem parar, na auto confissão de todo o tipo de sordidez imaginável que chegamos a tremer de perplexidade e indignação.

A direção é o tecer de uma colcha de crochê. Cada episódio, cada ato é falado de um jeito, permitindo que Thelmo possa ir

despejando sem exageros, sem trejeitos, com seu jeito único de ser ator, aquele que só os que pertencem ao Olimpo da dramaturgia são capazes de fazer.

Impressiona como a máxima menos é mais aqui cabe como uma luva. Gritar para que? Gesticular com que objetivo? Cuspir, sapatear, vomitar ódio? O que faz de ‘O Farol’ um espetáculo inesquecível, marcante é a delicadeza da luz, do figurino, com casaco de couro, o jeito com que Thelmo se move.

Há quem se impressione, sem pensar que perceber o horror e o terror é o ato de pensar, refletir sobre o que permite que o mal exista. A banalidade não está no ato. Está em quem não tem esse olhar. Temos que agradecer a João Ubaldo, Thelmo e Philbert por terem a coragem de nos levar a ver como o mal existe e está ao nosso lado.

SERVIÇO

DIÁRIO DO FAROL – UMA PEÇA SOBRE A MALDADE

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 – Botafogo)

De 4/6 a 24/7, às terças e quartas (20h) | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Infantil premiado

Prestes a completar 100 apresentações, a peça “Valentim Valentinho” chega ao Rio em curtíssima temporada de 1º a 16 de junho, aos sábados e domingos às 11h, no Teatro EcoVilla Ri Happy, no Jardim Botânico. Prêmio APCA 2023 de Melhor Direção Infantil-Juvenil para Marcelo Varzea e Erica Rodrigues, que repetiram o feito na premiação “Pecinha é a Vovozinha”. No espetáculo, Valentim vive com a mãe em uma vila e, prestes a completar 11 anos, o menino sonha em ganhar coragem de presente de aniversário.

Divulgação



Divulgação

Relatos de violência

Com debate sobre a violência contra a mulher, “Vamo Acelerá Essa Festinha” faz curta temporada no Teatro Café Pequeno. O monólogo, estrelado pela atriz Katerina Amsler, conta a história de uma mulher que sofre o golpe “Boa noite, Cinderela” Dirigido por Julia Horta e nessa nova temporada supervisionado por Amir Haddad, com quem Katerina trabalhou por cinco anos no grupo “Tá Na Rua”, a produção expõe a violência contra o corpo da mulher. São histórias de mulheres contadas por mulheres. Até 16 de junho, às sextas e sábados às 20h e domingos às 19h.



Marcel Vecchia/Divulgação

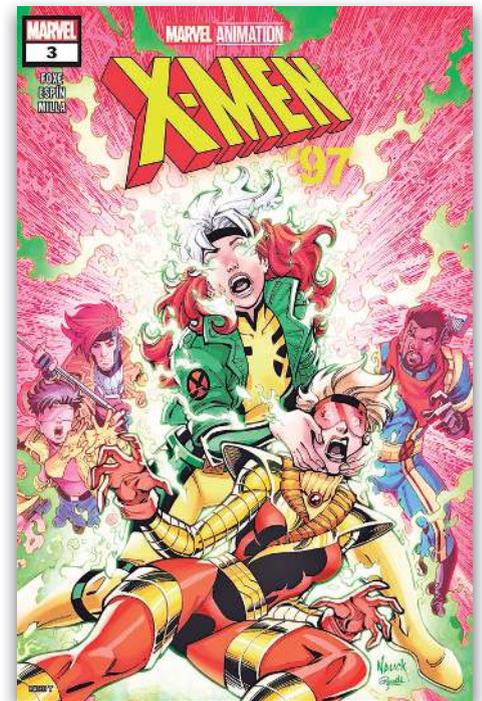
Universo mágico

“Mini-HumanimaL”, espetáculo para crianças de 0 a 3 anos realiza apresentação em Nova Iguaçu. As integrantes do Circo da Silva, Paula Preiss e Juliana Coutinho, se apresentam em um espetáculo sem fala, conduzido por música ao vivo composta e interpretada por Arturo Cussen. A criança, que assiste aos objetos de cena tomando outras formas até se revelar em um bicho, vai absorvendo todas as etapas. Assim, a criatividade é estimulada o tempo todo, em um ritmo de brincadeira e aprendizado que nunca para nesse mágico universo infantil.

Fotos/Divulgação



O desenho X-Men'97 é um dos fenômenos pop da Disney Plus



O X da QUESTÃO

Com atualizações nos quadrinhos, o grupo de mutantes é sucesso no streaming e se prepara para uma nova franquia nas telonas

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Às 15h20 desta sexta-feira, a “Sessão da Tarde” exibe o sucesso de bilheteria “X-Men: O Filme” (2000), que teve seis continuação e inspirou franquias de Deadpool e Wolverine, que vão se encontrar num dos longas-metragens mais esperados deste ano. Já se fala numa nova linha de filmes com os personagens liderados pelo Professor Charles Xavier, a julgar por imagens vistas nos créditos de “As Marvels”, com o Fera, o mais intelectualizado dos mutantes.

Fala-se de um possível envolvimento do ator Giancarlo Esposito como Xavier, mas nada foi confirmado. Sabe-se apenas que há um projeto novo vindo para os cinemas, e

que ele ganha força conforme os episódios da animação “X-Men’97” tornam-se um fenômeno pop, graças ao boca a boca de assinantes do Disney Plus.

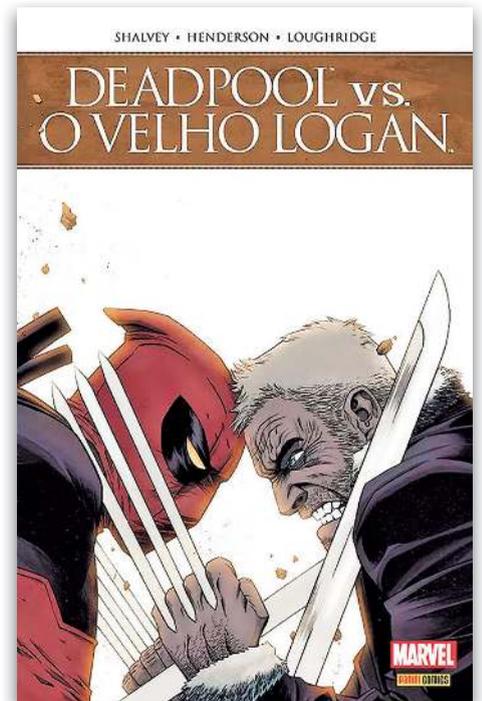
O desenho, derivado do seriado da década de 1990, que teve uma dublagem antológica no Brasil, virou um dos maiores sucessos da indústria animada em 2024. A data em seu título é uma referência nostálgica ao momento onde a série original parou. Ela revelou aos brasileiros heróis como Gambit e Bishop, que têm papéis cruciais na retomada da produção, igualmente bem dublada. Vozes foram mudadas apenas em função da morte ou da aposentadoria de dubladoras ou dubladores originais, com raras exceções.

Lá fora, o êxito do programa levou a Marvel a criar um quadrinho baseado no desenho. Steve Foxe assina os roteiros e Sal-



va Espin, os desenhos. A trama dialoga com as aventuras vistas na plataforma da Disney. Nela é possível (re)ver os longas dos X-Men e o primeiro “Wolverine”, lançado em 2009, com Hugh Jackman no papel principal.

Nos EUA, zeraram a revista mensal dos X-Men. O número 1, ligado à saga “From The Ashes”, tem uma nova equipe liderada por Ciclope, agindo no Alasca. Psylocke e Magia estarão ao lado dele no combate a uma



equipe de vilões chamada Orquídea.

Nas bancas nacionais, a editora Panini Comics trouxe um sortimento de atrações ligadas à letra X. A edição nº 72 da revista mensal do time de mutantes já está em pré-venda online e conta com Kitty Pryde na liderança de uma nova esquadra de heróis. Em paralelo, a vilã Madelyne Pryor cria sua própria super-requipe. Estão à venda ainda “A Queda de X – Especial”, tomos 1 e 2, e o imperdível “Marvel-Verse: Deadpool vs. O Velho Logan”. São 112 páginas escritas e desenhadas por Declan Shalvey, Lee Loughridge, Mike Henderson.

Destaque ainda no pacote Panini o especial “X-Men’92”, que faz referência aos já citados desenhos dos anos 1990, com protagonismo especial para a jovem Jubileu. Vale atenção ainda “Novos Mutantes: Legião Letal”.

Não, não posso apresentar testemunhas, ficaria chato, continuo um cavalheiro, mesmo em dias atuais, quando tem valido tudo, ou quase tudo ou nada vale.

Tem gente que acorda naquele mau humor de murchar flor no pé e secar pimenteira instantaneamente, que só dá para um bom-dia horas depois, muitas horas depois; às vezes dias, às vezes, nem isso, mas, é fato que, acordo sempre com um humor irretocável, mesmo, ainda, ao final da madrugada – e põe final nisso -, com o chão por estrelas salpicadas. Não, o zinco não está furado, anda pleno. Desperto atiado pela possibilidade de um novo Sol sarapintado por fragatas tontas, por todos os lados, é a glória do artista, o infinito, o além! O além ali, no máximo acolá. Nada de além purgatório de almas pecadoras.

Como dizia o Apparicio Torrelly o, autointitulado, Barão de Itararé, referência e reverência eterna: “um homem que acorda desse jeito, recitando versos indígenas, não tem o direito de achar a vida totalmente ruim”, não mesmo! Nem de longe. Me faço sorriso em guarany: “Aime ko’ápe/petei mba’énte aipotavéva/heñóiva temo’ákuérágui oi porá haguá yypavere/kuara/nambu...”, me faço canto em Villas; “Ó manhã de sol! Ó/Anhangá fugiu, fugiu! hê!hê!/Ó manhã de Sol! hê!hê! de Sol/Anhangá fugiu. Anhangá fugiu! fugiu!/Anhangá hê! hê! Ah! Foi você que me fez sonhar!/ Ah! Foi você! Chorar a minha Terra/quem me fez sonhar Coaraci hê!hê!/Para chorar Anhangá fugiu! fugiu!/A minha Terra! Ó manhã de Sol...”

Sigo alegre com as surpresas que me esperam do outro lado da janela, levemente atento aos caprichos do Rio, nublado, mesmo assim, a segunda cidade mais linda que se conhece, como garante Ruy Castro, depois, evidente, do Rio com sol, este, sim, com carradas de testemunhas. Atento ao restinho de noite, faço um café bem forte na máquina adormecida num canto da cozinha, sem esquecer que estamos registrando, com força, acendendo o refletor e arrumando



o tamborim, o “Novembro Negro”.

Esquecer, jamais, lembrar cada vez mais, porque depois dos navios

negreiros, outras correntezas persistem. Tudo planejado, equipamento na mira, tripé, mudanças neces-

sárias na última hora, já que nesses momentos, como em outros, planejamento, manual, imagens fan-

tasiosas, aditivos, o dia de ontem, nada disso garante o nosso sucesso. Nada! A possível sustentável leveza do ar, do ser e do estar, quem sabe até, do permanecer. Pegar o amanhecer no olho, a beleza à unha ou transformar o mais ou menos em ‘uau!’, é missão, é propósito. Está escrito nas estrelas, estava e está sim!

Mas, já corri para a divagação, com Gal, que quer ir para a Bahia de Mãe Menininha do Gantois, também ver o sol nascer. Bênção meu Pai Oxalá! Hoje não vou, baby, não posso mais me casar, eu sigo inadimplente. I love you! Tenho que escrever, focar nas nuvens, no firmamento, no espaço que ainda me permitem, fora do quadrado concretado em que me asilo voluntariamente, exílio sem palmeiras onde canta o uirapuru, qual nada... necessariamente, quase solitariamente, enquanto aguardo que os vigaristas, covardes de plantão, nos cargos públicos parem de politizar e atrasar vacinas, recursos, apoios, o século, a vida.

Não se afobe, não, que nada é ‘pra’ já, a Terra que fotografo redonda, sim meu caros, a Terra é redonda, dá aquelas voltas diárias exatamente como a Lusitânia iluminada pela Galeria Silvestre, há milênios, e em uma dessas voltas todos nos encontraremos com todas, todos e todes, é isso! É disso que estou falando. Nada é ‘pra’ já, nem os escafandristas inocentes do Leblon que olham o navio passar. Será bailarina?

Espero o desenrolar do dia, atento aos imprevisíveis sinais que não quero perder, como o amigo que tenho, não admite perder os sinais dos encantamentos que vai colecionando dia a dia, somados em camadas, novos arquivos, como insetos em volta da lâmpada; pirilampos apaixonados que morrem pelo brilho da luz. Esperando mais luz, pegando o trem das estrelas. Quase, quase conseguindo, o sol hoje despontando mais ou menos, vou à luta, libero o olhar, solto a mão no disparador, deixo a máquina fazer a sua parte, e tem o resto, mas o poeta recomendou, o poeta esse fingidor, o resto deixa ‘pra’ lá; tudo, tudo vai dar pé!

Quase lá! Quase ali, quem sabe, acolá!

Tomas Velez/Divulgação



Bucaneiros

Divulgação



Joaquina

BADUK – A casa oferece em seu menu um hambúrguer com uma pegada árabe, é Arayes burger (R\$ 49). Ele leva blend de carne de cordeiro com boi, no pão pita feito na casa, acompanhado de aioli de manga. A carne é feita na chapa já dentro do pão. R. Rainha Guilhermina, Leblon. Tel: 3592-0881.

BONIFÁCIO & BERENICE - Na casa mais “pet friendly” carioca o comensal pode encontrar no cardápio o Boni Burger (R\$ 49). Ele é feito com blend de carne com cebola caramelizada, muçarela, maionese temperada, salada e bacon, no pão brioche. R. Rainha Guilhermina, 95. Tel: (21) 99910-2021.

BUCANEIROS - Para celebrar a data, a casa lançou um concurso para receber receitas de hambúrgueres enviadas por clientes. O campeão foi o Caprese Burger com pão, maionese de pesto, parmesão ralado, carne, muçarela de búfala, manjeriço, tomate e azeite defumado (R\$ 42 - loja | R\$ 47,90 - iFood). O eleito fica no cardápio durante a semana do Dia do Hambúrguer, até 2/6, em todas as lojas e delivery. R. Bento Lisboa, 101. Catete. Tel: (21) 98865-6388.

ENCARNADO BURGER – A premiada hamburgueria prepara em chapa quentíssima, os blends de 160g, temperados apenas, com sal e pimenta moída na hora.

Hambúrguer: o mais amado dos sanduíches

Veja um roteiro com opções criativas para todos os gostos

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Na última terça-feira (28) foi comemorado o Dia Mundial do Hambúrguer, que para quem não sabe, foi criado na cidade de Hamburgo, na Alemanha. No Brasil ele chegou em 1952, junto com a primeira loja do Bob's, em Copacabana. Desde então virou febre e vem sendo recriado, em versões além da clássica receita feita com pão, carne e queijo, com ingredientes surpreendentes e interpretações criativas. Confira abaixo a ótima seleção que o Correio da Manhã preparou para você:

Lipe Borges/Divulgação



Encarnado

Tomas Rangel/Divulgação



Bonifácio & Berenice

Entre as opções no cardápio estão o Palhaço Reencarnado (R\$ 42 – foto), feito com brioche prime, 160g do blend da casa, american cheese, cheddar, cebola crua, ketchup, mostarda e pickles da casa e o Enxuxado (R\$ 60), com brioche, blend Encarnado, cheddar, mostarda, bacon, pickles e caldo de carne as-

Tomas Rangel/Divulgação



Malta

Ocre/Divulgação



Teva Deli

panado na panko, bacon caramelizado com cachaça, sunomono de chuchu e aioli. R. Voluntários da Pátria, 448. Tel: (21) 2535-2774.

MALTA BEEF CLUB - Os amantes de hambúrgueres encontram na unidade Jardim Botânico um menu de sanduíches com opções, como o Maltinha Feliz (R\$ 29) com double smash com queijo cheddar, ketchup, mostarda, cebola roxa e pickles de pepino, o Smash Malta (R\$ 33 - foto) com double smash, cheddar, barbecue, pickles de pepino e cebola frita crocante, e o Burger Dry Aged (R\$ 50), com hambúrguer de carne maturada por 30 dias, bacon, cebola caramelizada e queijo cheddar. R. Saturnino de Brito, 84. Tel: (21) 3269-4504.

TEVA DELI - Espaço de gastronomia criativa, sustentável, orgânica e 100% vegetal em Copacabana, o espaço do chef Daniel Biron tem no cardápio opções de burgers vegetarianos. Entre as sugestões destaque para: Amazonika (R\$ 50) um burger Amazonika Mundi de fibra de caju, cebola caramelizada, rúcula, tomate, aioli rosé defumado, pão brioche com gergelim feito na casa e o Burger Teva (R\$ 52), um burger artesanal de cogumelos e cereais, cebola caramelizada, rúcula, tomate, aioli rosé defumado, pão brioche com gergelim feito na casa (R\$ 52). Av. Nossa Senhora de Copacabana, 1334, Loja A. Tel: (21) 3237-1556.

Tomas Rangel/Divulgação



Baduk

sada, acompanhado por fritas. R. Farme de Amoedo, 43. Tel: (21) 99099-3777.

JOAQUINA – Na casa, é possível encontrar o mini-hambúrguer de camarão (R\$ 49 – 2 unidades). Eles levam brioche de fermentação natural, hambúrguer de camarão em-